

**Percepções dialectais e atitudes linguísticas.
O método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades.**

Carla Sofia Silva Ferreira
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Abstract

Since the appearance of the predecessors of the Perceptual Dialectology, several have been the innovations and the potentialities discovered for this linguistic area, namely after the methodological innovations proposed by Preston. It is a complement for the studies of the real dialects, as for attitudinal studies, and can also reveal itself important for the investigation of linguistic change. Linguistic perceptions and linguistic attitudes are the two main domains in the edification of this discipline, therefore we will reflect on that complementarity. Finally, the results of an empirical study carried out with 132 informants from Coimbra will be briefly presented.

Keywords: Perceptual dialectology, linguistic attitudes, dialectal perceptions, idiomatic change

Palavras-chave: Dialectologia perceptual, atitudes linguísticas, percepções dialectais, mudança idiomática

1. Breve história do nascimento da Dialectologia perceptual

Nos anos 40 do século XX, surgem os primeiros indícios do nascimento desta nova área de trabalho da Linguística. Nesta década, os falantes são ouvidos especificamente sobre a identificação das localidades onde se fala o mesmo dialecto, com o intento de se usar esta informação como um dos critérios para delimitar regiões dialectais reais.

Em 1939, o “Dutch Committee for Dialect Research” da Academia Real de Ciências de Amesterdão inseriu num seu questionário linguístico duas questões relativas às noções de distribuição regional da língua dos falantes.

«1) – Quelle est la localit  ou quelles sont les localit s voisines de la v tre o  on parle totalement ou presque totalement le même dialecte que le v tre?

2) – En quelles localit s des environs de celle o  vous vivez parle-t-on un dialecte compl tement différent du v tre? Pouvez-vous citer quelques divergences?»

(apud Bol o, 1974: 450).

Pretendia-se que os próprios falantes identificassem a semelhança linguística entre os dialectos utilizados nas várias regiões do país. Realizado o questionário, era necessário organizar e interpretar os dados recolhidos.

Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associa o Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2009, pp. 251-263

Então, num simpósio realizado em 1944, Antonius Weijnen expôs um método possível para o estudo das percepções dialectais, o «little arrow method (Pfeilchenmethode)» (Preston, 1989: 5)¹. O dialectólogo ligaria através de setas os locais mais frequentemente vistos como linguisticamente idênticos e, posteriormente, traçaria as fronteiras entre as regiões que se demarcaram com iguais percepções leigas. Observemos a explicação do método dada pelo seu criador:

«sites which informants perceive as being very similar are associated with each other by the use of little arrows. In this way groups of regions connected by chains are formed, and these stand out against the zones in which the connecting arrows are missing. These zones form dialect boundaries which are very much alive in the minds of ordinary speakers»

Weijnen, 1999 [1968]: 131

Paulatinamente, os métodos foram-se aprimorando e o objecto de estudo foi-se alargando. Em 1955, W.G. Rensink usou a técnica «little arrow» na Holanda e, de seguida, Willem Grootaers, no Japão, usou uma escala de quatro para graduar a diferença entre os dialectos. Ambos contemplaram a identificação de traços linguísticos específicos de cada região, sobretudo lexicais e fonéticos.

Entretanto, já nos anos oitenta do século XX, Dennis Preston desenvolveu algumas das técnicas anteriormente utilizadas e criou outras que vieram a revelar-se fundamentais. Este linguista americano adoptou algumas técnicas e métodos de disciplinas não linguísticas, concebendo assim alternativas mais objectivas e passíveis de tratamento estatístico.

Ladd e Orleans, «cultural geographers» (Preston, 1989: 19) da década de sessenta do século XX, utilizaram mapas de percepção geográfica, pedindo aos seus informadores que desenhassem as ruas dos bairros da cidade que habitavam. Por seu lado, Preston cogitou sobre a hipótese de pedir aos seus informantes que desenhassem mapas mentais das variedades geográficas de uma língua. Com os avanços tecnológicos, hoje é possível utilizar um “digitizing pad” que faz automaticamente a sobreposição dos mapas desenhados por cada informante. Utilizando este material informático torna-se mais fácil a produção de mapas-resumo com ondas de intensidade a indicar o número de pessoas que delimitou determinada área. Assim se relativiza a rigidez das fronteiras.

Foi também da Geografia que Preston aproveitou outra potencialidade: nos estudos sobre o desejo de residência numa determinada zona, sobre o clima político, a economia e outros factores determinantes para essa percepção geográfica, os dados quantitativos eram convertidos em mapas com as fronteiras entre as zonas mais ou menos prescritas por percentagens diferentes de indivíduos. Dennis Preston adaptou esta conversão dos

¹ Antonius A. Weijnen afirma ter sido o criador do “*little arrow method*” (Weijnen, 1999 [1968]: 131). No entanto, A. C. M. Goeman recorda um estudo não publicado de P. Willems, um dialectólogo belga, que terá criado um mapa através de uma técnica semelhante. A sua pesquisa de 1886 também continha julgamentos de semelhança dialectal, que Willems terá resumido num mapa unindo locais através de setas de vários tipos consoante o grau de diferença apontado pelos falantes (Goeman, 1999 [1989]: 138-140).

números em mapas, proporcionando desse modo uma leitura mais fácil do prescritivismo dialectal – frequentemente mencionado mas nunca investigado (Preston, 1989: 22). Assim, passou-se a poder reverter os dados sobre as zonas percebidas como as de maior correcção linguística em mapas mentais (Preston, 1989: 14-22).

2. Percepções e atitudes linguísticas: dois domínios complementares

Se a investigação sobre as percepções dialectais teve este caminho de aperfeiçoamento do método, os estudos atitudinais, muito frequentes no campo da Sociolinguística, também estavam desenvolvidos nos anos oitenta do século passado. Os pontos de contacto entre percepções e atitudes linguísticas destacavam-se de tal modo que as atitudes foram então integradas nos estudos de Dialectologia perceptual.

Ao adoptar a concepção comportamental² de *atitude* linguística defendida por López Morales (1993: 231-235), toma-se a *atitude* como a resposta dada pelo indivíduo às distintas situações sociais, e, portanto, como o reflexo concreto das percepções linguísticas. Deste modo, a Dialectologia perceptual beneficiará indelevelmente o nosso conhecimento do que está subjacente às atitudes tomadas pelos falantes. Pensemos então no percurso que leva os falantes a certas tomadas de atitude.

O conjunto de situações e contextos que rodearam o conjunto de comportamentos linguísticos observados por cada indivíduo e os efeitos daí advindos são avaliados, interpretados e interiorizados (Giles e Coupland, 1991: 53-58). Assim, o *reservatório do conhecimento contextual e textual* de cada utente determina o seu grau de consciência linguística e sociolinguística e a sua competência linguística – vide esquema 1.

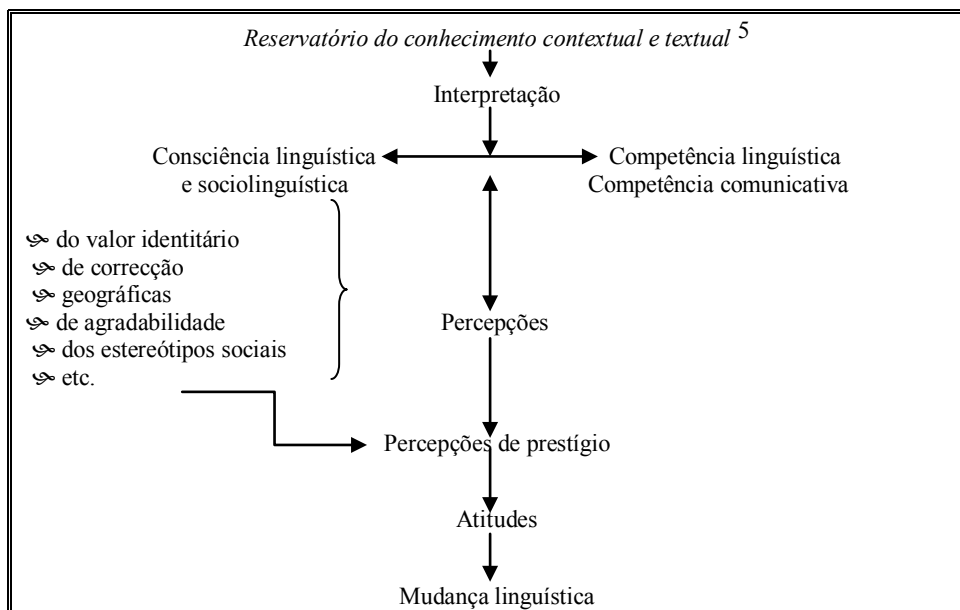
E se a consciência linguística está intimamente ligada à consciência sociolinguística e, portanto, às crenças acerca do prestígio³ de cada sociolecto, dos cambiantes existentes dentro de cada variedade diastrática e das variedades diatópicas, as percepções originam atitudes linguísticas.

Por outro lado, a competência linguística e a competência comunicativa repercutem-se na consciência linguística, e vice-versa, tornando possível, assim, indirectamente, a constituição de juízos valorativos. A maior ou menor competência de um indivíduo relativamente à sua língua, à forma de a usar correctamente e também de acordo com as regras sociais e pragmáticas⁴ interferirá no seu comportamento e nas suas atitudes linguísticas.

² Tanto psicólogos sociais como sociolinguistas têm dado definições de atitude linguística que seguem duas grandes direcções: a concepção *mentalista*, segunda a qual a *atitude* é tomada como uma *variável* que reside entre um estímulo e uma resposta a ele, e a concepção *comportamental* defendida por López Morales, que é a que adopto.

³ Moreno Fernández (1990: 187), ao precisar o conceito de *prestígio* em Sociolinguística, define-o como «un proceso de concesión de estima y respeto hacia individuos o grupos que reúnen ciertas características y que lleva a la imitación de las conductas y creencias de esos individuos o grupos».

⁴ Moreno Fernández define *competência comunicativa*, no âmbito da sua obra *Metodología sociolingüística*, como «el conjunto de reglas que determinan la conducta sociolingüística» (Moreno Fernández, 1990: 26).



Esquema 1: Percepções, atitudes e consciência e competência linguísticas.

López Morales (1993) considera que a crença se baseia no conhecimento linguístico – ou na competência e na consciência linguísticas – e nas percepções dos estereótipos, ou seja, na consciência sociolinguística que implica um conhecimento de quais são as formas percebidas como prestigiadas pela maioria da comunidade linguística. A crença terá igualmente uma componente afectiva em que se integram, portanto, os sentimentos perante os diversos estereótipos que o indivíduo conhece. Esta crença/percepção (cognitiva e afectiva) levará a uma atitude, esta sim comportamental.

As percepções linguísticas abrangem vários campos. Há percepções geográficas e percepções avaliativas acerca do dinamismo, da correcção, da agradabilidade, do valor social, do valor de identidade de uma determinada variedade ou de um traço específico dessa variedade. E o conjunto dessas percepções compõe a percepção de prestígio⁶ que regulará as atitudes tomadas, que, por sua vez, poderão ter depois reflexos na mudança linguística.

As atitudes relacionam-se directamente com noções como as de *prestígio* e *norma*, *estatuto* e *solidariedade*, pelo que investigar as percepções avaliativas de *agradabili-*

⁵ Expressão retirada de Giles e Coupland (1991: 53).

⁶ A gramática prescritiva habituou-nos a fazer corresponder a (percepção de) *correcção* com o prestígio, ou, melhor, com a *percepção de prestígio*. Hoje em dia, outros pensamentos vigoram. Peter Trudgill teorizou o que muitos desejam que seja a prática do ensino de qualquer língua materna. A variedade que se considera padrão não deve substituir mas ser acrescentada à variedade que o aluno já pratica (Trudgill, 1984). O professor deve pois adoptar a perspectiva do *bidialectalismo*.

dade, correcção – e também *grau de diferença* em relação à própria variedade do falante – será um complemento profícuo ao estudo sociolinguístico das atitudes. Mas será ainda mais produtivo se este estudo das percepções avaliativas estiver vinculado a um estudo das percepções geográficas, isto porque é indispensável que se identifique cabalmente a variedade sobre a qual recaem os adjectivos valorativos. Aliás, este foi um dos aspectos omissos nos primeiros trabalhos atitudinais e que se revelou determinante para uma melhor e adequada descrição dos dados e até para a legitimação das interpretações dadas pelos investigadores.

Perante gravações do discurso de outros falantes⁷, os informantes produziam juízos avaliativos que eram posteriormente interpretados, ponderando, por exemplo, a possibilidade de certo traço linguístico existente no trecho gravado ter suscitado determinada atitude. Porém, faltava a este tipo de pesquisas atitudinais a ponderação permanente de mais um critério tido em conta por quem avalia: a crença de pertença do texto ouvido a determinada variedade diatópica⁸. Trudgill (1984: 220-224) explica essa necessidade, referindo o caso de informantes que, ao identificarem erradamente a proveniência da voz ouvida, aplicam a conotação da variedade *percebida* em vez da *real*. Se, quando os informantes identificam erradamente a proveniência da voz ouvida, lhe dão a conotação da variedade aí utilizada (Trudgill, 1984: 220-224), ter acesso a essa informação poderá ser determinante para as conclusões a retirar dos dados atitudinais recolhidos. E também Paul Kerswill e Ann Williams (2002: 174)⁹ sugerem a propósito de alguns dados recolhidos por Preston que «perceived in-group membership *in itself* had the power to make a voice ‘attractive’».

Os métodos da Dialectologia perceptual conjuntamente com os estudos atitudinais tornaram-se por isso variados, desde a delimitação pelo próprio informante de zonas dialectais em mapas ou o reconhecimento dialectal auditivo e posterior avaliação em termos de agradabilidade, vivacidade, dinamismo, prestígio, correcção, inteligibilidade ou grau de diferença em relação à variedade dos falantes inquiridos até à identificação de traços específicos de cada variedade, com a possibilidade de imitação de tais traços (Preston, 1989: 4). E todos estes dados podem ser registados em mapas, não só de percepções dialectais, como igualmente de prescritivismo dialectal ou meramente de percepções avaliativas¹⁰ de vários tipos.

3. Potencialidades da Dialectologia perceptual

Abrangendo um tão grande conjunto de aspectos implicados directamente na mudança linguística¹¹, a Dialectologia perceptual apresenta, portanto, imensas potencialidades relacionadas com a variação linguística.

⁷ Esta era uma das técnicas mais utilizadas nos estudos atitudinais.

⁸ Ou a identificação da variedade social do falante, consoante o tipo de investigação.

⁹ Angie Williams, P. Garrett e N. Coupland (1999: 347-348 e 356) fazem o mesmo tipo de afirmações.

¹⁰ Cf. noção de “*imagem dialectal*” de Inoue (1999: 170).

¹¹ Recorde-se o esquema 1.

De facto, a variação linguística é um dos objectos sobre o qual as percepções dos falantes poderão revelar maior interesse. Havendo várias realizações possíveis para uma mesma realidade monemática, fonética... que outro motivo melhor poderá explicar a selecção de uma e não de outra que a imagem que o utilizador tem de tais unidades? A imagem perceptual por detrás da realidade linguística modifica os comportamentos exercidos sobre essa mesma realidade.

Aliás a noção de percepção está inclusivamente subjacente a qualquer definição de *norma*. A variedade *considerada* padrão é aquela a que é atribuído mais prestígio.

As percepções têm reflexos mais ou menos imediatos no curso tomado pela língua, pelas suas variedades e pelas suas variantes. A força da *difusão* e o rumo da *selecção* das variantes linguísticas é determinado pelas percepções linguísticas, já que estas afectam o prestígio de cada variante e das próprias variedades diafásicas, diastráticas e diatópicas, repercutindo-se assim na diatopia. Com a Dialectologia perceptual se compreenderá melhor o fenómeno da mudança linguística e até da morte de línguas (Alvar, 1986: 93-151).

Estatuto e **solidariedade** são dois dos factores envolvidos na constituição das percepções de prestígio das variedades linguísticas. Por um lado a consciência de pertença ou de diferença relativamente a um grupo dialectal tende a favorecer o uso das variantes dialectais pelo falante, por outro lado o estatuto de cada variante e de cada variedade percebido pelo falante pode condicionar o uso de tais variantes, no sentido da preferência pela variante da norma ou de uma variedade percebida como sendo de prestígio¹².

Para além disso, um estudo de Dialectologia perceptual permite não só pesquisar as fronteiras dialectais subjectivas, como até analisar em pormenor os traços idiomáticos que os falantes atribuem a cada variedade linguística, descobrir ou confirmar os estereótipos, que podem na verdade ser os responsáveis pela atribuição de adjectivos valorativos às diferentes variedades. Assim, auxilia e suporta as conclusões tiradas em estudos de mudança linguística *em tempo aparente*.

O conhecimento científico dialectológico pode ser compreendido de forma mais cabal com o auxílio da informação proveniente das percepções leigas acerca da distribuição regional das variedades e das variantes dialectais. De facto estas percepções constituem «corroborating and explanatory evidence for dialect distribution» (Preston, 1999: XXXII). Para além disso, identificam-se os factos linguísticos e até o *tipo* de fenómenos (fonéticos, lexicais, morfológicos ou sintácticos...) mais salientes para a população (Preston, 1999: XXIX).

¹² Os critérios tidos em conta consciente e inconscientemente pelos utentes de uma língua para a atribuição de prestígio a uma ou outra variedade de determinada língua são bem variados. Edward Finegan e Douglas Biber questionaram-se sobre os factores que influenciam a escolha das formas prestigiadas e, após um estudo sociolinguístico, concluíram que «the prestige variety (...) will correlate with the degree to which its linguistic forms are “clear” rather than “quick and easy”» (Finegan e Biber, 1986: 396). As formas linguísticas que correspondiam ao ideal «Be clear», vistas pelos autores como uma força centrífuga, foram avaliadas positivamente, enquanto que as formas da força centrípeta que correspondiam ao ideal «Be quick and easy» tiveram uma avaliação menos positiva (Finegan e Biber, 1986: 396). A verdade é que as metodologias da Dialectologia perceptual podem ajudar a esclarecer tal jogo de atribuição de prestígio às variedades dialectais.

As interações entre a crença do leigo e o conhecimento científico podem verificar-se de forma extremamente vincada, visto que «instances of language change and so-called language attitudes (...) might be profoundly influenced by folk beliefs about language, particularly beliefs about the status of language varieties and the speakers of them» (Preston, 1999: XXIV). Os utilizadores de uma língua atribuem valores e chegam a emitir juízos de valor relativamente às variedades linguísticas, sendo as suas percepções a origem do estatuto a elas atribuído – o que se reflecte depois em atitudes linguísticas e, em casos mais extremos, em efectivas mudanças idiomáticas. Um fenómeno inovador pode ser consolidado por influência do estatuto dos seus primeiros utilizadores – que cria o estatuto da própria inovação – ou, pelo contrário, pode ser erradicado pelo mesmo motivo. E até mesmo a convergência e a divergência dialectais no interior de um *continuum* dialecto-standard são comandadas por percepções e atitudes (Villena-Ponsoda, 1996). Assim, fica claro como a percepção linguística, nomeadamente a dialectal, está intrinsecamente ligada ao fenómeno do prestígio, da consolidação de normas regionais e de uma norma geral que é percebida como o padrão a copiar.

Quando falamos de percepção dialectal e de atitudes sobre a variação dialectal, falamos pois de percepções de prestígio das *normas* regionais, e tal informação pode ser decisiva para a planificação linguística, sobretudo quando, perante um processo de estandardização, os linguistas e os agentes envolvidos nessa planificação linguística precisam de seleccionar uma variedade para ser a norma ou então de seleccionar as variantes com as quais se construirá uma variedade somatória representativa de todas (ou de apenas algumas). Em situações em que estamos perante um processo de estandardização, este método pode até proporcionar a observação de potenciais alterações das noções de norma e prestígio, assim como a análise das variedades depositárias de diversos tipos de prestígio.

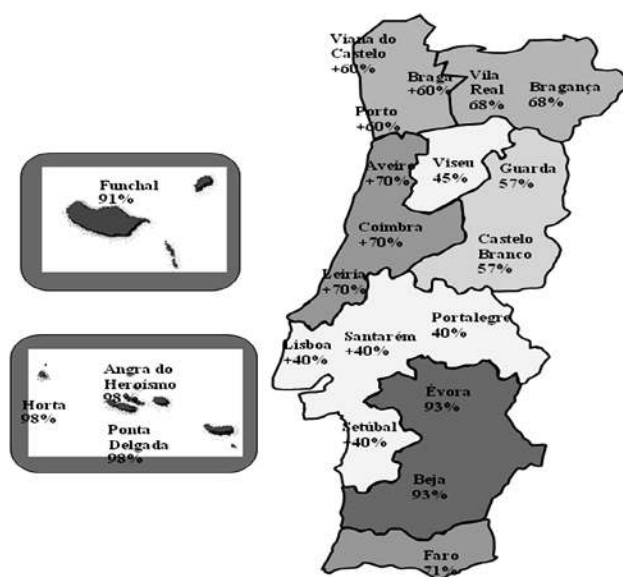
4. Estudo empírico

Alguns destes métodos foram usados num estudo realizado em 2003 com 132 informantes numa freguesia da cidade de Coimbra. Acolhendo as propostas metodológicas presentes no *Handbook of Perceptual Dialectology* (Preston, 1999; Preston e Long, 2002) e adaptando-as à realidade portuguesa, cada informante delimitou num mapa de Portugal os dialectos que considerava existir. De seguida, o informante deu o nome a cada dialecto, deu exemplos de especificidades linguísticas de cada um e, posteriormente, classificou-os – numa escala com cinco graus – quanto a três aspectos: diferença em relação ao seu próprio falar, agradabilidade e correcção.

A partir destes materiais recolhidos *in loco*, fizeram-se mapas-síntese tanto com os totais relativos às percepções geográficas como quanto às atitudes. Uma vez que um dos objectivos era precisamente verificar se as percepções geográficas dos falantes coincidiam com as áreas dialectais traçadas pelos dialectólogos, fez-se a comparação e concluiu-se que estes falantes têm uma capacidade de percepção dialectal relativamente fiel à realidade – vide mapa 1. Embora alguns indivíduos tivessem reconhecido apenas

duas ou três¹³ zonas linguísticas de maior relevo, outros desenharam mapas em muito semelhantes a cada uma das três propostas dos dialectólogos (Leite de Vasconcellos, 1926; Boléo e Silva, 1962; Lindley Cintra, 1971).

Observando os totais¹⁴, mais de 90% dos informantes perceberam a existência de dialectos nos Açores e na Madeira, assim como em Évora e Beja. A sua própria zona dialectal abrangia Coimbra, Aveiro e Leiria (70%). O distrito de Faro mereceu ser isolado (71%), enquanto as percentagens de identificação de um dialecto em Viana do Castelo, Braga e Porto já descem para os 60%. O mesmo acontece com Vila Real e Bragança (68%). Guarda e Castelo Branco são unidos por 57% dos informantes. Viseu fica isolado (45%). A zona linguística para a qual houve menos consonância foi a que abrange Portalegre, Santarém, Lisboa e Setúbal (40%). No entanto, é de salientar que, se nos concentrarmos apenas nas percentagens que unem Santarém, Lisboa e Setúbal, 77% dos informantes identificam aí uma variedade específica. A variedade usada em Portalegre surge com duas percentagens fortes: uma, que a liga a Castelo Branco (44%)¹⁵, e outra, ligeiramente maior, que a une a Santarém (46%).

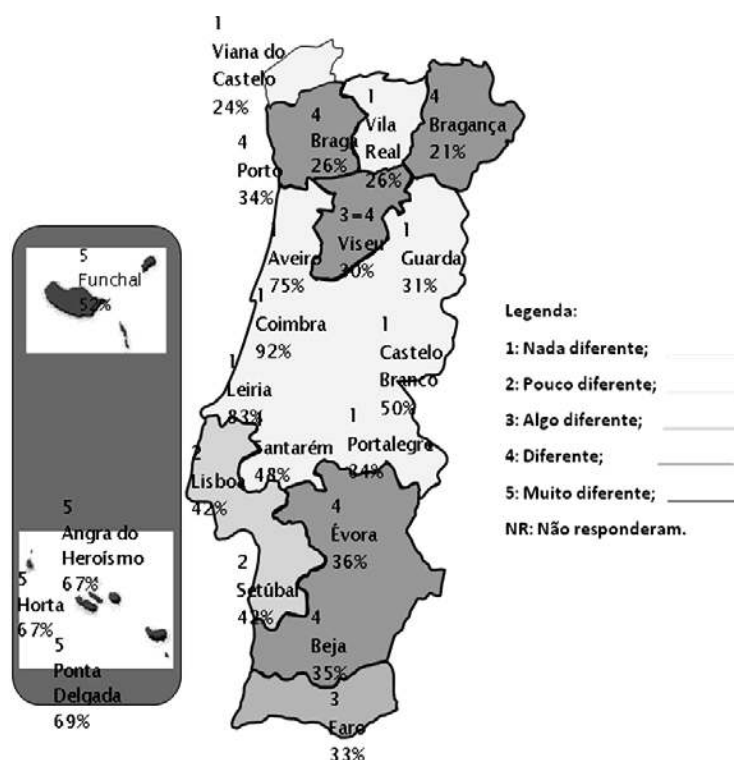


Mapa 1: Percepções geográficas

¹³ Não foi dado qualquer número limite de zonas a identificar, nem mínimo nem máximo.

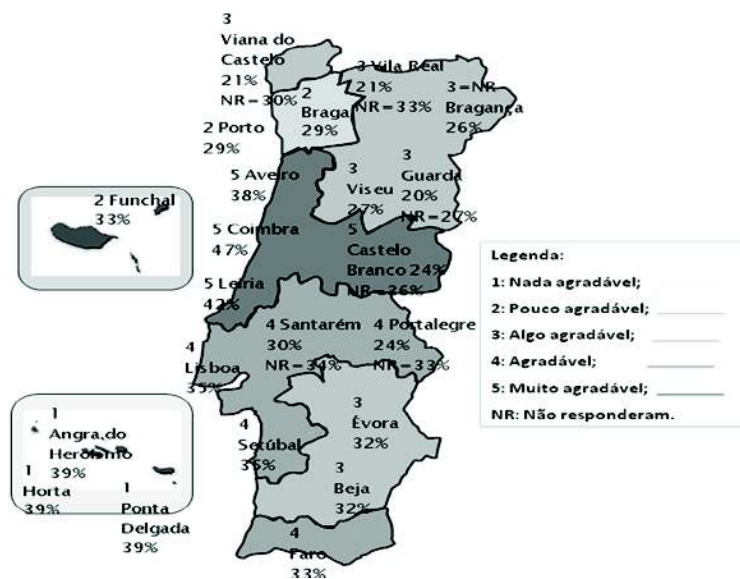
¹⁴ Estes dados são relativos aos totais. Mais interessante, no entanto, é examinar caso a caso e comparar os mapas resultantes das outras percepções. Consulte-se esta informação em Ferreira (2004), onde este estudo surge em pormenor, uma vez que foi realizado no âmbito de dissertação de Mestrado em Linguística Geral, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

¹⁵ O mapa reflecte apenas a percentagem maior; contudo, efectivamente, alguns dados ausentes do mapa são também muito importantes. Vide Ferreira (2004).



Mapa 2: Grau de Diferença

Pretendia-se ainda observar em que medida o conjunto de traços linguísticos identificados como específicos de cada dialecto correspondia às diferenças dialectais efectivas. Na verdade, houve dialectos para os quais o estereótipo era o único traço identificado, como por exemplo o uso de construções com o gerúndio no Alentejo; contudo, noutros casos havia pormenor e diversificação. Foi o caso da variedade identificada no arquipélago da Madeira que recebeu caracterizações fonéticas a par do reconhecimento de itens lexicais próprios, como «semelha» ('batata') e «abelhinha» ('táxi') ou até de expressões como «o céu está forrado» (para 'céu nublado'). A caracterização fonética foi a mais frequente, havendo exemplo para todas as variedades dialectais. Desde a paragoge da vogal central fechada [ə] na zona delimitada em Viana do Castelo, Braga e Porto, como em «Boue» ('vou'), passando pela presença do *s beirão* (sibilante áptico-alveolar) na variedade de Viseu, até à tendência para o fechamento vocálico nos Açores. Também a sintaxe surgiu entre as percepções leigas – embora com muitíssima menor frequência – por exemplo no caso de supressões percebidas na variedade de Faro («Vou à do mê tie» por 'vou a casa do meu tio').



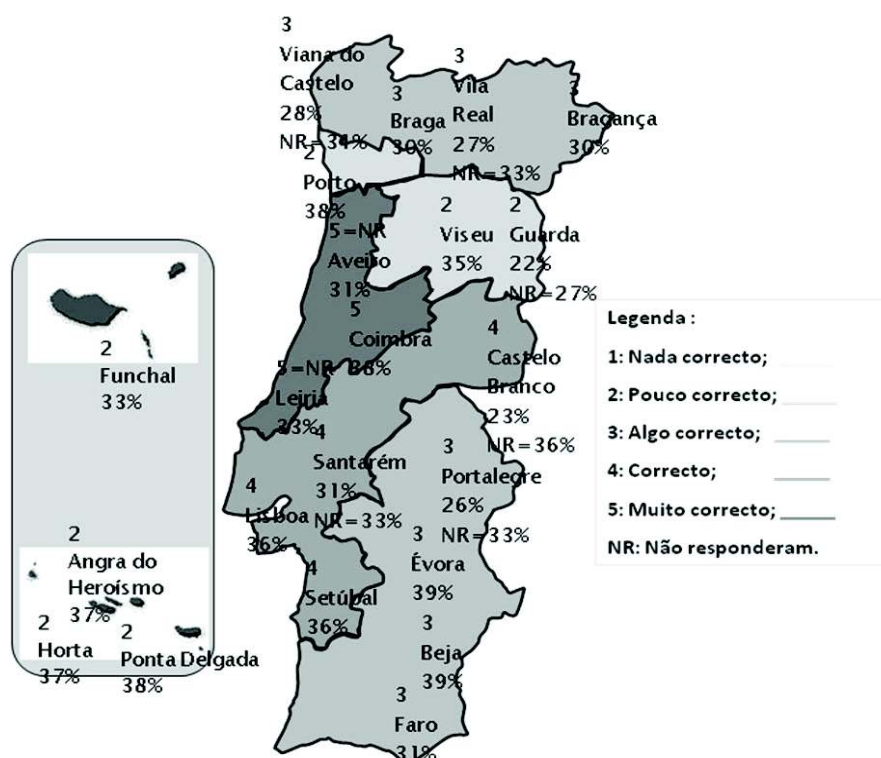
Mapa 3: Agradabilidade

Sobretudo através das percepções do grau de diferença, podemos aceder subrepticiamente às percepções geográficas dos informantes. Como vimos, cerca de 70% dos indivíduos consideraram que a sua própria zona dialectal era a de Coimbra, Leiria e Aveiro, porém, posteriormente no questionário, para distinguir todos os dialectos com os cinco graus de diferença, muitos acabam por considerar também a zona de Lisboa, Setúbal e Santarém ou de Castelo Branco, Guarda, e Portalegre como linguisticamente *nada diferente* da sua. Cerca de 42% dos informantes atribui a classificação de *pouco diferente* à variedade de Lisboa e Setúbal, apesar de 37,9% a classificar de *nada diferente*. Santarém tem 47,7% a favor de *nada diferente* e apenas 30,3% a favor de *pouco diferente*¹⁶. Note-se que os resultados da variedade falada em Viana do Castelo e Vila Real apresentam percentagens muito baixas. Alguns informantes deixaram mesmo de parte estas e outras¹⁷ zonas, alegando não conhecer bem o modo de falar desses locais.

Obtiveram-se assim dados que permitiram identificar as zonas linguísticas mais apontadas pelos falantes e comparar as peculiaridades linguísticas atribuídas a cada área. Estas informações podem ser cruzadas com os mapas síntese resultantes das questões atitudinais.

¹⁶ Nas percepções de agradabilidade e correcção a maioria volta a estar de acordo numa avaliação igual da variedade usada nos dois distritos de Santarém e Lisboa.

¹⁷ Castelo Branco e Portalegre foram outros dos distritos frequentemente deixados de parte.



Mapa 4: Correção

Sendo de Coimbra, e, por isso, potencialmente auto-identificados como falantes da variedade normativa, as suas atitudes poderiam revelar-se de uma agudeza crítica para com os restantes dialectos ou, por outro lado, poderia haver relutância em avaliá-los. A tendência foi a segunda, sobretudo relativamente a alguns dos dialectos – *vide* mapas 3 e 4. Os índices de relutância em avaliar a correção foram superiores aos índices referentes à agradabilidade. Para além disso, o grau um, *nada correcto*, não surge no mapa 4; por outro lado, o dialecto açoriano é avaliado como *nada agradável* (mapa 3).

Verificou-se ainda uma diferença quanto aos mapas resultantes das atitudes de agradabilidade e de correção. Por exemplo, quanto às variedades identificadas nas zonas de Viseu e Guarda, apesar de serem consideradas *pouco correctas*, eram vistas como *algo agradáveis*. Relativamente à zona dos próprios informantes, repare-se que Castelo Branco volta a estar nela integrado, no mapa 3, ao ser avaliado com igual grau de agradabilidade; porém, quando o critério é a correção, a sua zona linguística é novamente reduzida aos três distritos litorais, Coimbra, Leiria e Aveiro.

5. Conclusão

Foi interessante unir num só estudo a identificação de traços linguísticos que os falantes percebem como típicos de uma variedade com percepções geográficas e com percepções atitudinais. Será, com certeza, igualmente vantajoso realizar estudos perceptuais geográficos e atitudinais com foco num ou em mais traços linguísticos específicos, como preconizaram Inoue (1999: 175), Long (1999: 221) e Preston (1999: 372-373). É possível pedir aos informantes que delimitem num mapa a ou as zonas onde percebem determinados traços linguísticos, que depois avaliam independentemente. Comparar as taxas de relutância em avaliar variedades diatópicas e traços regionais particulares poderá facilitar o acesso à compreensão deste fenómeno e confirmar quais as variantes que os falantes de uma língua têm como emblemáticas de determinado dialecto.

Será profícuo o estudo de *mudança de percepções linguísticas em tempo aparente* (Preston, 1988) e, sobretudo, se se conjugar com estudos sobre mudanças efectivas na língua portuguesa, nomeadamente para verificar se ou em que medida existe *nivelamento dialectal* (Kerswill, 1996: 95) em Portugal, isto é, se ou em que medida as normas regionais estão a ser afectadas pela variedade percebida como padrão. Este é portanto um método que tem ainda algumas potencialidades para explorar.

Referências

- Alvar, Manuel (1986) *Hombre, etnia, estado. Actitudes lingüísticas en Hispano America*. Madrid: Editorial Gredos.
- Boléo, Manuel de Paiva (1974) Linguistique, géographie et unités dialectales subjectives au Portugal. In *Estudos de linguística portuguesa e românica. Dialectologia e história da língua 1 (I)* Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, pp. 439-473 e mapa.
- Boléo, Manuel de Paiva e M. H. Santos Silva (1962) O “mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental”. *Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, pp. 85-113.
- Cabeleira, Susana (2005) *Atitudes de falantes do PE face às variedades dialectais – estudo sociolinguístico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Cintra, Lindley (1971) Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, XXII, Lisboa, pp. 81-116.
- Coupland, Nikolas, Angie Williams e Peter Garrett (1999) “Welshness” and “Englishness” as attitudinal Dimensions of English Language Varieties in Wales. In Preston (ed.) *Handbook of Perceptual Dialectology 1*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 333-343.
- Ferreira, Carla Sofia da Silva (2004) *Percepções e atitudes linguísticas das variedades diatópicas de Portugal. Um contributo para a Dialectologia perceptual*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Finegan, Edward e Douglas Biber (1986) Toward a Unified Model of Sociolinguistic Prestige. In David Sankoff (ed.) *Diversity and Diachrony, Current Issues in Linguistic Theory* 53. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Company, pp. 391-397.
- Giles, Howard e Nicolas Coupland (1991) *Language: Contexts and Consequences*. Milton Keynes: Open University Press.
- Inoue, Fumio (1999) Subjective Dialect Division in Great Britain. In Preston (ed.) *Handbook of Perceptual Dialectology* 1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 161-176.
- Kerswill, Paul (1996) Divergence and Convergence of Sociolinguistic Structures in Norway and England. *Sociolinguistica* 10. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, pp. 90-104.
- Kerswill, Paul e Ann Williams (2002) Dialect Recognition and Speech Community Focusing in New and Old Towns in England: The Effects of Dialect Levelling, Demography and Social Networks. In Preston e Long (eds.) *Handbook of Perceptual Dialectology* 2. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 173-204.
- Long, Daniel (1999) Mapping Nonlinguists' Evaluations of Japanese Language Variation. In Preston (ed.) *Handbook of Perceptual Dialectology* 1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 199-226.
- López Morales, Humberto (1993 [1989]) *Sociolingüística*. Madrid: Editorial Gredos.
- Moreno Fernández, Francisco (1990) *Metodología sociolingüística*. Madrid: Editorial Gredos.
- Preston, Dennis R. (1989) *Perceptual Dialectology, Nonlinguists' Views of Areal Linguistics*. Dordrecht/ Providence: Foris Publications.
- Preston, Dennis R. (ed.) (1999) *Handbook of Perceptual Dialectology* 1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Preston, Dennis R. e Daniel Long (eds.) (2002) *Handbook of Perceptual Dialectology* 2. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Trudgill, Peter (1984) *On Dialect. Social and Geographical Perspectives*. Oxford/ New York: Basil Blackwell.
- Vasconcellos, José Leite de (1926) *Lições de filologia portuguesa*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.
- Villena-Ponsoda, J. A. (1996) Convergence and divergence in a standard-dialect continuum: networks and individuals in Malaga. *Sociolinguistica* 10, pp. 112-137.
- Weijnen, Antonius A. (1999) On the value of Subjective Dialect Boundaries. In Preston (ed.) *Handbook of Perceptual Dialectology* 1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 131-133 (1ª edição: 1968 Zum Wert subjektiver Dialektgrenzen. *Lingua* 21, pp. 594-596).